

“Curtir, comentar, compartilhar”: uso de memes no ensino de História no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, Tanhaçu, Bahia

Auricharme Cardoso de Moura¹

Resumo

O presente artigo analisa o potencial, usos e implicações dos memes no processo de ensino e aprendizagem, em especial na área de História. Além de discussões teóricas, conceituais e metodológicas, apresento um relato de experiência no qual são evidenciadas representações da Independência do Brasil, em que, à luz dos memes, os alunos do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, localizado em Tanhaçu, no sudoeste da Bahia, avivaram o passado e o presente, significando-os como expressões das suas percepções de mundo consoantes ao contexto social e político em que se vivem. O procedimento teórico e metodológico balizou na unidade teoria e prática, em que o diálogo com autores como Araújo (2012), Cadena (2018) e Silva (2019) permitiram problematizar a cultura digital utilizada pelos professores ao significar suas intervenções didático-pedagógicas no âmbito da sala de aula, visando à dialogicidade, ao sentido plural e à dinamicidade peculiar das trajetórias dos discentes. Ressaltamos que não se trata de pensar os memes como “tábua de salvação” para o ensino de História, mas sim, de compreendê-los como um gênero que, planejado e articulado com outras linguagens, abre um campo de possibilidades didáticas e pedagógicas em relação à fabricação de novos conhecimentos históricos.

Palavras-chave

Ensino. Ensino de História. Memes. Relato de Experiência. Tanhaçu.

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; professor da Rede Estadual de Ensino em Tanhaçu, Bahia, Brasil. E-mail: auri.historia@hotmail.com.

“Like, comment, share”: the use of memes in the teaching of History at Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, Tanhaçu, State of Bahia, Brazil

Auricharme Cardoso de Moura²

Abstract

This article investigates the potential, applications, and implications of memes in the teaching and learning process, especially in the field of History. In addition to theoretical, conceptual, and methodological discussions, I present an experience report in which the students of *Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães* (Antonio Carlos Magalhães State School), located in Tanhaçu, in the southwest of Bahia, Brazil, revived the past and present by using memes, representing them as expressions of their perceptions of the world based on the social and political context in which they live. The theoretical and methodological procedure was based on the theory and practice unit, in which the dialogue with authors such as Araújo (2012), Cadena (2018), and Silva (2019) enabled us to problematize the digital culture used by teachers to signify their didactic-pedagogical interventions in the context of the classroom, aiming at dialogism, plural sense, and the peculiar dynamics of the students' trajectories. We emphasize that it is not not about thinking of memes as a "lifeline" for history teaching, but rather as a genre that, when planned and articulated with other languages, opens up a field of didactic and pedagogical possibilities for the creation of new historical knowledge.

Keywords

Teaching. History teaching. Memes. Experience Report. Tanhaçu.

² PhD in Social History, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil; teacher at the State Education Network in Tanhaçu, State of Bahia, Brazil. E-mail: auri.historia@hotmail.com.

Considerações iniciais

O fazer-se professor no século 21 ampliou os desafios para o exercício da docência, principalmente pelo redesenhar do espaço educacional à luz de tecnologias e mídias sociais acessíveis ao cotidiano dos discentes. As novas gerações estão cada vez mais consumindo e produzindo uma cultura digital, seja no campo ou na cidade, no centro ou na periferia. As instituições públicas de ensino, contudo, se revelam em descompasso com essa nova dinâmica social transformada pela tecnologia.

De acordo com Lavado (2019), três em cada quatro brasileiros tinham acesso à internet no ano de 2019, o que equivale a 134 milhões de pessoas. As tecnologias e mídias sociais vêm alterando valores, identidades, comportamentos, culturas e formas de socialização dentro de um contexto em que estar *on-line* transforma-se no *modus operandi* do homem moderno. Estar conectado passa a ser um dos sinônimos do viver. Assim, o cotidiano é dinamizado por uma rede social na qual postar, curtir, comentar e compartilhar tornou-se tão comum às novas interatividades e conexões humanas.

Nesse sentido, Bittencourt (2015, p. 7) destaca que “estar diante de irrequietos jovens, nas mais diversas salas de aula, para ensinar História, tem sido um desafio para os professores”. Comumente se diz que temos métodos de ensino e uma estrutura educacional que remete ao século 19, professores do século 20 e alunos do século 21. Os discentes nasceram na era digital, e os professores, em sua grande maioria, são estrangeiros digitais.³

Não se trata de descartar, negligenciar ou esquecer formas de ensino e aprendizagens que historicamente foram desenvolvidas, mas de pensar ferramentas, recursos, métodos e linguagens que possam dinamizar a produção de novos saberes na sala de aula, tendo o aluno como referente desse processo.

É nesse sentido que o presente texto se volta para a proposta de analisar o gênero memes como parte dessa nova linguagem que tem sido utilizada por diferentes docentes na educação básica. Todavia, nossa proposição é balizada no desenvolvimento metodológico que

³ Estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e divulgados por Gonçalves (2021) indicam que o Brasil possuía, em 2017, cerca de 2,5 milhões de professores. A maioria dos professores tinha entre 30 e 39 anos. São profissionais que, majoritariamente, não tiveram uma formação que articulasse ensino e pesquisa.

relaciona teoria e prática a partir de uma intervenção socioeducativa com os alunos do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, no município de Tanhaçu-BA.

“O meme viralizou”: usos e implicações dos memes no ensino de História

Na contemporaneidade, não podemos falar em conhecimento, mas em conhecimentos. No plural, significa que existem saberes diversos, assim como são múltiplas as formas de apreendê-los. Muitas vezes, o aluno tem uma noção ou uma ideia prévia do tema a ser discutido em sala de aula. Documentários, filmes, séries, redes sociais etc. são algumas das ferramentas utilizadas para aquisição de conhecimentos, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem no século 21 não passa apenas pela leitura de manuais didáticos, ainda que esses meios sejam essenciais e jamais podem ser considerados ultrapassados.

Em uma sociedade cada vez mais informacional, tecnológica e conectada, os saberes são descentralizados, não sendo a sala de aula o único espaço para sua obtenção. De acordo com Jesús Martín-Barbero (200, p. 56).

A atitude defensiva da escola e do sistema educativo estão levando-os a desconhecer ou disfarçar o fato de que o problema de fundo está no desafio que lhe é apresentado por um ecossistema comunicativo, do qual emerge outra cultura, outro modo de ver e ler, de aprender e de conhecer.

Um ensino que se distancia da realidade vivida pelo aluno contribui para sua falta de interesse nos estudos e aumenta as chances de evasão escolar. A escola deve ser, pois, um espaço de disciplina, hierarquia, regras e aprendizagens, mas também deve ser um lugar de acolhimento, de pertencimento, de reconhecimento e de identidade, uma vez que alunos e professores passam grande parte de sua vida nesse ambiente.

O mundo digital e as práticas da cultura digital devem ser apropriados pelos docentes como meios de preparar os estudantes para o mundo do trabalho, promoção da autonomia/cidadania, formas de atuação social e desenvolvimento de redes sociais e éticas. Dessa feita, a prática de “curtir”, “seguir”, “compartilhar” e produzir conteúdos digitais não pode ser um processo aleatório, irresponsável ou que fira a ética e os direitos humanos. A escola do século 21 também tem o dever de orientar seus estudantes a como se posicionar, comportar e lidar com as tecnologias e mídias sociais.

Os memes estão espalhados no mundo digital. “Virar” meme tornou-se expressão comum nas redes sociais, em programas televisivos, no grupo de amigos, nas conversas presenciais e virtuais de diversas gerações. Os memes, para além de uma brincadeira, uma representação da realidade, uma forma de lazer e entretenimento, vem sendo usado como conteúdo educativo. Professores usam esse gênero em sala de aula, páginas e perfis são criados na internet com memes voltados para a educação, questões de vestibular exploram esse recurso de maneiras diversas e seu uso é recomendado em diversos documentos que norteiam a educação básica, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que orienta os docentes a “levar em conta como a coexistência e a convergência das mídias transforma as próprias mídias e seus usos e potencializa novas possibilidades de construção de sentidos” (BRASIL, 2018, p. 479).

Sobre seu histórico, Ricardo Cadena (2018, p. 3) destaca que:

O tão famigerado meme, que constantemente recebemos e compartilhamos via mídias sociais, teve seu conceito elaborado há décadas atrás pelo pesquisador Richard Dawkins, na obra *O Gene Egoísta*, de 1979. Seu conceito estabelece um parâmetro analógico ao gene, como uma unidade de transmissão cultural. O autor afirma que o meme seria a imitação, a cópia, e sua terminologia derivada da palavra rega “Mimeme”. Mas, opta por fazer uso do termo meme, pois assim poderia estar relacionado também à memória [...]. Desta maneira, a partir de tal paralelo, é crível inferir que o meme teria influência na constituição de identidades.

Os memes aparecem nas formas de vídeos, imagens, palavras, frases ou *hashtags*, sendo muito comuns em redes sociais, como o *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, podem “viralizar” em poucos minutos, assim como podem ser esquecidos com uma semana. Sua popularização ocorreu a partir do ano de 2010, momento em que se transformou em um código, símbolo e idioma que transmite mensagens e conteúdos diversos a milhões de pessoas. Eles podem trazer discussões políticas, econômicas, sociais, culturais, filosóficas e éticas para a sala de aula. Dessa forma, são temas geradores de debates e interações dentro de um processo comunicativo que envolve diálogos entre professor e alunos. Marcos Silva (2019, p. 231) destaca que:

As charges foram criadas no início século XIX, com o crescimento dos impressos, para satirizar políticos ou situações políticas do momento. Mesmo que reprimidas até com a morte de chargistas, ganhou adesão social e passou a servir também para exprimir uma reação a quaisquer fatos, ideias,

acontecimentos, pessoas mais ou menos conhecidas e geralmente com deboche e crítica. O mesmo ocorre com os memes na era das redes sociais, feitas de liberação da autoria e da conectividade através de smartphones, tablets e laptops.

Seja crítico, satírico, mordaz, engraçado, cômico, persuasivo, lúdico, divertido, reflexivo, contemplativo, polêmico ou debochado, o meme é uma forma de comunicação que conecta diversos indivíduos, percepções e interesses. Para se tornar uma prática pedagógica significativa, o uso do gênero deve se articular com outros materiais didáticos e outros instrumentos teóricos e metodológicos (conceitos, processos e contextos históricos etc.).

A partir dos pressupostos acima, os estudantes criam memes de acordo com seus interesses, vivências e demandas. Após a criação, os alunos podem compartilhar em suas redes sociais, debater com os familiares e amigos e expor suas produções dentro de um processo de socialização do saber.

O meme nunca deve ser trabalhado de forma individual ou isolada. Uma análise mais profunda, contextualizada, sistematizada e interdisciplinar se faz a partir da interação de diversas linguagens e áreas do conhecimento humano. Ao professor, cabe mediar esse processo no sentido de oportunizar aos discentes ler, interpretar e compreender como diversos gêneros e recursos textuais se completam, se opõem ou divergem acerca de um mesmo tema.

Esse gênero atua como “ponto de partida” para a compreensão e análise de determinado conteúdo escolar. As novas formas de comunicação e de expressão dos estudantes passam pelos memes, o que requer uma prática educativa que dialogue com essa realidade. Atualmente, os memes são usados na pesquisa e ensino de História. Não se trata de uma mera ilustração, mas sim, de um material didático subordinado a procedimentos comuns a qualquer fonte. A “operação historiográfica” (CERTEAU, 2011) serve para qualquer fonte, inclusive para os memes. Perguntas como quem produziu, quando produziu, quais interesses, porque produziu, onde produziu, discursos, narrativas e representações etc. são essenciais para o trabalho de qualquer professor/pesquisador. É dever moral e de ofício defender o estatuto epistemológico da história e seu compromisso com a verdade, com a objetividade, com a crítica e com rígidos métodos, procedimentos e técnicas de pesquisa.

Os memes não devem ser escolhidos de maneira aleatória, mas de forma a apresentar uma reflexão ou compreensão acerca de determinado tema. Eles não são uma “tábua de salvação” para o ensino de História, são fontes que devem ser articuladas com outros documentos históricos, a exemplo de livros didáticos, músicas, imagens, filmes etc. A partir

dos memes, o aluno deve ser capaz de ler personagens, tempos, paisagens, textos, contextos, referências culturais, representações e símbolos.

Transformar um meme em uma linguagem a ser usada em sala de aula requer um trabalho de seleção, contextualização e planejamento. A sua utilização consiste em um ponto de partida para despertar a reflexão e criticidade dos discentes, uma vez que visa o estreito diálogo com o presente em que vive. Nessa lógica, o conteúdo a ser trabalhado consiste em uma abertura para operacionalizar o processo de construção do conhecimento, sempre procurando visibilizar como são fabricadas as significações do seu universo social em diálogo com o passado que se faz expresso no presente de modo a evitar transformá-lo em anacronismo.

Nesse sentido, a utilização do meme exige do professor uma formação adequada para explorar a referida linguagem, de modo que o caráter sedutor do gênero sirva apenas como ponto de partida e não retire a possibilidade reflexiva da construção de nova significação social ao estreitar o diálogo com os alunos em sala de aula.

É preciso ficar atento a como a História vem sendo apresentada ao grande público por intermédio dos debates midiáticos, pelos “influenciadores digitais”, pelas páginas “especializadas”, pelos memes, *podcasts*, *playlists* comentadas, documentários, séries, minisséries, games, blogs, vlogs, entre outros meios que chegam ao grande público. Em muitos casos, a História tem sido narrada de forma parcial, tendenciosa e sensacionalista com a intenção de ganhar “curtidas” ou “seguidores” nas redes sociais. Sem compreender e aprofundar os contextos, sentidos, significados, processos, mediações, tensões, disputas, resistências e contradições, a história pode se transformar em uma poderosa arma para servir a visões deturpadas e a interesses pessoais ou de grupos que não têm compromisso com a verdade, a democracia e os direitos humanos.

As novas significações da Independência do Brasil: a dialogicidade do ensino de história por meio da construção de memes no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães (Tanhaçu/BA)

O Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães encontra-se localizado em Tanhaçu, um pequeno município do sudoeste baiano. O Colégio oferece o ensino médio, atendendo

alunos da zona rural e da zona urbana nos três turnos. No início de 2020, foram matriculados 477 alunos.

A experiência com os memes foi iniciada no ano de 2019. A circulação cada vez maior dessa linguagem nas redes sociais dos alunos e do público em geral, o crescimento de páginas e perfis voltados para essa temática e a possibilidade de inovação nas aulas de História constituíram os principais fatores para iniciar um trabalho didático e pedagógico que transformasse um entretenimento em uma fonte de pesquisa e ensino.

Com os memes, é dada ao aluno a oportunidade de pesquisar, analisar, compreender, criar, fazer e desfazer personagens, paisagens, frases e contextos históricos de uma forma livre e criativa. Assim, sem perder o rigor científico e metodológico, o discente transforma-se em protagonista e sujeito do conhecimento a partir do fazer, e não apenas do reproduzir. São construídos novos sentidos, usos e significados do passado a partir de sentimentos e da realidade vivida pelo aluno. Assim, a história passa a ser constituída a partir da relação passado-presente e presente-passado.

A ideia da produção e de um concurso de memes surgiu por ocasião da comemoração ao Dia da Independência e da possibilidade de, a partir dessa data, discutir representações, símbolos, significados e ritos na história. O 7 de Setembro é uma das datas mais celebradas da cultura escolar de todo o país, sendo que o objetivo foi explorar as potencialidades didáticas e pedagógicas de um dia visto por muitos alunos como simples feriado ou oportunidade de ganhar pontos com desfiles ou outras atividades.

Procuramos trabalhar essa data como um “lugar de memória” (NORA, 1993) constitutiva de sentimentos de ufanismo, afirmação identitária e nacionalismo que é voluntariamente nutrida, organizada e sustentada por diversos agentes e agências, sejam públicas e privadas. Assim, a transformação de uma data cívica em uma memória coletiva a ser celebrada anualmente não é um processo natural, mas se faz a partir de estratégias diversas, a exemplo do feriado, hinos, hasteamento de bandeira, homenagens, desfiles das escolas etc. De acordo com Lima e Fonseca (2002), após a Proclamação da República procurou se consolidar a celebração de datas cívicas nas escolas com o objetivo de celebrar a identidade, o “sentimento republicano”, a soberania nacional e noções de moralidade e bons costumes.

Para Circe Bittencourt (2014), as comemorações do 7 de setembro foram consagradas pelos republicanos, minimizando o fato de D. Pedro I ter criado uma monarquia anômala aos

anseios do povo. Prevalencia a comemoração da data da Independência como um momento da “conquista da liberdade” e celebração de figuras vistas como fundadoras da nacionalidade brasileira, com destaque para o imperador.

Buscamos evidenciar memórias celebradas e memórias esquecidas, ou seja, quais fatos e sujeitos são evidenciados e quais são negligenciados. Assim, a escola, como um “lugar de memória”, cumpre determinadas funções simbólicas e representativas na sociedade não apenas reproduzindo valores, práticas e imaginários, mas também criando, alterando e questionando o que está posto como senso comum.

Algumas datas são celebradas porque fazem parte da luta, memória, pertencimento, coletividade, valores, tradições e identidade de um povo. Datas e calendários ajudam a estruturar o tempo e as atividades escolares, não podendo ser tratadas de forma meramente ilustrativa ou contemplativa. Assim, transformar datas cívicas e comemorativas em uma prática pedagógica significativa não apenas promover comemorações e repetições, mas também, e, sobretudo, criar reflexões e análise de contextos, mediações, processos e representações na história.

Antes da produção dos memes, foi feita uma análise histórica e social da Independência do Brasil. Abordamos alguns de seus personagens, motivos, consequências, a participação popular, a construção de mitos, as ideias de nação e nacionalismo, a permanência de certas estruturas sociais (como a escravidão e o latifúndio), algumas representações, símbolos e imagens, principalmente o famoso quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo de Figueiredo e Mello (1843-1905). Problematizar a independência tornou-se uma tarefa importante para que os alunos não naturalizassem ou reproduzissem conteúdos e iconografias sem uma análise crítica.

O referido quadro se situa dentro de um processo de construção de tradições ou invenção das tradições, como denominado por Eric Hobsbawm (1984), no sentido de legitimar nacionalismos surgidos a partir do século 19. Os rituais cívicos, construção de monumentos e demais símbolos ligados às tradições nacionais deveriam ser celebrados em diversos lugares públicos e privados, sendo que as escolas foram escolhidas como espaços fundamentais para se “formar o cidadão” e os ideais nacionalistas.

A imagem tem sido um documento cada vez mais usado por historiadores e professores de História por se apresentarem como “representações da realidade que se colocam no lugar das coisas, dos seres humanos e dos acontecimentos do mundo”

(PESAVENTO, 2008, p. 100). Como toda fonte, precisa ser contextualizada, comparada, criticada e detalhada no sentido de observar interesses, significados, ausências, mensagens, costumes e valores que deseja expressar ou até mesmo tornar hegemônicos. Nesse sentido, de tão exibidas, compartilhadas e repetidas, muitas imagens tornaram-se comuns no imaginário popular sendo vistas por alguns como únicas/verdadeiras ou como a principal representação de determinado fato histórico.

Destarte, em um primeiro momento, foi realizada uma análise do quadro “Independência ou Morte”, também conhecido como “O Grito do Ipiranga”, também do artista Pedro Américo. O quadro, datado de 1888 (66 anos após a Proclamação da Independência), foi encomendado por Dom Pedro II. Assim, a cena retratada é uma idealização do momento em que Dom Pedro I, colocado como principal figura e protagonista da Independência, declara que o Brasil deixa de ser colônia de Portugal.

Como a participação de mulheres (a exemplo da princesa Leopoldina, as baianas Maria Quitéria de Jesus e Joana Angélica) e de movimentos populares favoráveis à independência (como os ocorridos na Bahia, Maranhão e Piauí) são negligenciados, o público é levado a compreender a Independência pelo viés do patriotismo que coloca Dom Pedro como um herói nacional que levanta a sua espada enquanto os homens que o acompanham tiram o chapéu em sinal de respeito e aclamação. O povo, representado pelo camponês, é retratado apenas como espectador. Ademais, outros aspectos do quadro também foram submetidos a análise crítica, como as vestes do imperador, o número de pessoas em sua comitiva, o uso de cavalos na imagem (em viagens longas era comum o uso de mulas).

O quadro, muito divulgado nos meios de comunicação e redes sociais, atua a serviço de uma memória hegemônica que tende a apagar toda luta popular contra a colonização portuguesa ao acentuar a narrativa de que a independência foi um processo pacífico e obra de um único sujeito. Como uma representação do passado, o quadro tem um aspecto ufanista, pedagógico e patriótico que atendia aos interesses de quem o encomendou.

De acordo com Paiva (2006, p. 31) “ler uma imagem sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, que, muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo e da produção do objeto, e entre seu ou seus produtores”. Assim, a análise do quadro permitiu debater os excluídos no processo social e histórico.

Após análise do quadro de Pedro Américo, falamos sobre o meme como uma fonte para a pesquisa e o ensino de História, para além de uma mera ilustração. O conceito do gênero meme foi trabalhado cientificamente de tal forma que os alunos tiveram clareza do trabalho proposto. O trabalho de produção de memes possibilitou novas leituras sobre o passado ao mesmo tempo em que se criou uma abertura para conhecer o aluno, seu meio cultural, seus hábitos e escolhas.

O aluno teve liberdade para realizar seus trabalhos, não se restringindo a modelos determinados ou voltados para uma avaliação quantitativa. O processo criativo remeteu a uma realidade exterior, ao contexto sócio-histórico e ideológico em que o sujeito se situa, mas também a subjetividades, expectativas, horizontes e utopias advindas de diferentes realidades vividas pelos discentes. Assim, o uso dos memes foi uma experiência que permitiu aos alunos criarem seus próprios conteúdos e saberes ao invés de apenas reproduzir conhecimentos prontos e acabados expostos pelo professor.

Articular o meme à consciência histórica do aluno é um passo importante para diagnosticar saberes, níveis de aprendizado e noções históricas. O meme foi apresentado, refletido e discutido de forma livre e coletiva sendo que, posteriormente, apresentamos outros recursos e materiais didáticos que aprofundem a compreensão do fato histórico em questão, ou seja, a Independência do Brasil. Inicialmente discutida de forma descontraída e leve, o fazer histórico passou a ser tratado por um viés crítico, compreendendo processos, tempos e espaços, conceitos etc.

Os alunos tiveram liberdade para criar memes de acordo com sua criatividade e conhecimento prévio. Nesse sentido, tomamos como pressuposto as considerações de Marcos Silva (2019, p. 236):

A produção de memes por estudantes pode ser uma valiosa atividade de aprendizagem. Para que haja interatividade, a mediação docente deverá mobilizar o ato da produção de memes como autoria e colaboração efetivas [...]. No lugar do meme como obra acabada, há seus elementos plásticos dispostos à manipulação, como campo de possibilidades capaz de garantir a emergência de significações livres e plurais.

O dado objetivo era o 7 de Setembro e sua representação iconográfica. O quadro de Pedro Américo passou por um processo de reconstrução de significados a partir de subjetividades e múltiplas interpretações dadas pelos alunos segundo diferentes tempos, realidades, contextos, saberes e culturas. A releitura do quadro se deu a partir do presente e de

suas circunstâncias dentro de um fazer histórico que se desenvolveu fora dos muros da universidade e que não aparece nas páginas dos livros didáticos, mas que se mostra essencial no século 21.

Com o próprio celular, passaram a manipular, reinventar e ressignificar o famoso quadro. Foram elaborados 65 memes, sendo que os dois primeiros colocados foram premiados. A comissão julgou os memes a partir de diversos critérios, a exemplo da estética, criatividade, originalidade, contextualização, criticidade, elementos plásticos (forma, textura, composição) e respeito aos direitos humanos.

Analisando a produção dos discentes, é importante salientar que nenhuma delas apresentou um discurso de ódio, intolerância ou preconceito. O contexto social, econômico, cultural, político e epidemiológico vivido pelos alunos foi amplamente abordado nos memes. As produções destacaram a inflação, o futebol, a corrupção, novelas, músicas, a escola, entretenimento e, principalmente, a pandemia. O campo de experiência, horizontes e possibilidades explorado pelos alunos abriu um leque para pensar como vivem e interpretam o mundo contemporâneo.

As “significações livres e plurais” propostas pelos memes estiveram dentro de um processo de ensino e aprendizagem que foi além de debater uma data histórica, mas abordou anseios, sentimentos, significados, vivências, angústias e ideias dos alunos. O meme construído pelos alunos estabeleceu conexões e diálogos com o momento vivido pelo mundo, pelo Brasil e por cada sujeito em sua individualidade e subjetividade.

Selecionamos três memes, divulgados com autorização de seus criadores, que são representativos do universo social e cultural abordado pelos alunos. O primeiro diz respeito ao preço elevado do arroz, fato que certamente onerava a renda da família do criador da produção mimética abaixo.

Imagem 1 – Meme criado por aluno



Fonte: Acervo pessoal de Lucas Araújo Conceição (2019).

O dólar alto e o aumento da procura pelo arroz devido ao auxílio emergencial fizeram com que houvesse um aumento de 19,2% do preço do grão em 2020 (SALATI; RIKARDY, 2020), contribuindo para que ocorresse uma pressão no custo de vida das famílias mais pobres, como é o caso da maior parte dos alunos de Tanhaçu.

O meme reflete um posicionamento político do autor que se mostrou incomodado com a inflação em uma época de pandemia na qual milhões de trabalhadores perderam o emprego e a renda. Assim, o meme abre precedentes para se questionar o desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro ao transformar o valor, usos e finalidades da terra com o objetivo de priorizar o lucro e a acumulação em detrimento do bem comum. Nessa nova dinâmica, a fruta, a verdura, o legume, o grão ou qualquer outro cultivo agrícola se apresentam como mercadorias que muitas vezes servem prioritariamente ao mercado internacional. O valor de troca torna-se, pois, superior ao valor de uso.

Certamente, o aluno ouviu de seus pais, amigos ou familiares, relatos de dificuldades causadas pela elevada inflação dos alimentos ao longo de 2020. Se, em um primeiro momento, o meme pode parecer cômico ou engraçado, uma análise mais profunda revela que o autor usou de um recurso mimético para criticar a política econômica do país que não vinha atendendo aos interesses dos brasileiros e sim do “mercado”, bem como expor sua indignação diante das dificuldades em comprar alimentos considerados essenciais e até então comuns ao cardápio de milhares de famílias.

No dia 24 de agosto de 2020, o presidente Jair Bolsonaro foi perguntado por um jornalista o porquê de a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, ter recebido um depósito de R\$ 89 mil feito por Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro. “Presidente Jair Bolsonaro, por que sua esposa Michelle recebeu R\$ 89 mil de Fabrício Queiroz?”, logo tornou-se meme, assunto comentado em revistas, mídias sociais, jornais, televisão e outros meios de comunicação.⁴ O próximo meme aborda esse fato.

Imagem 2 – Meme criado por aluno



Fonte: Acervo pessoal de João Caires Lima dos Santos (2019).

A corrupção tornou-se uma prática comum e sistemática no Brasil desde os tempos coloniais. Os casos de corrupção, contudo, tornaram-se mais divulgados após a redemocratização do país (1984), devido, entre outros fatores, a liberdade de expressão, de investigação e de pensamento em razão do fim da censura importada pela ditadura militar.

Desvios de verbas públicas, lavagem de dinheiro, subornos, pagamento de propinas, compra de políticos, entre outros fatos, vêm causando repúdio e indignação do povo brasileiro que sofre com falta da qualidade nos serviços públicos, como a saúde e a educação. Desse modo, o meme abre precedentes para se pensar como a corrupção, por atender aos interesses individuais e não aos interesses coletivos, mostra-se perniciososa, imoral e alheia à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O histórico, o alcance e as consequências da

⁴ No dia 7 de agosto, a revista *Crusoe* obteve acesso a um relatório do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) revelando que Fabrício Queiroz e a esposa dele, Márcia Aguiar, depositaram R\$ 89 mil em cheques na conta de Michelle Bolsonaro. O caso foi denunciado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro.

corrupção para a sociedade compõem um tema que requer destaque e debate no ambiente escolar.

A frase em destaque no meme é o ponto de partida para se defender a ideia de que o princípio da ética, da moral e da transparência deve nortear as relações humanas e, em particular, a administração pública. O meme em questão é um meio usado para se cobrar investigação aos agentes e instituições envolvidas em práticas consideradas suspeitas e ilegais, o que indica como muitos jovens e adolescentes estão acompanhando e se posicionando diante de diversos acontecimentos políticos e sociais do país.

O meme a seguir expressa o desejo pelo fim da pandemia.

Imagem 3 – Meme criado por aluno



Fonte: Acervo pessoal de Eliene Aparecida de Jesus (2019).

Adolescentes e jovens tiveram suas emoções e comportamentos alterados devido à necessidade de permanecer em casa. Pesquisas realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz) indicaram que preocupações, nervosismo, irritabilidade, ansiedade e mau humor foram sentimentos comuns em 48,7% dos adolescentes brasileiros, sendo que esse percentual sobe para 61,6% quando se considera apenas as meninas (AGÊNCIA BRASIL, 2020). A restrição social e um tempo excessivo nas redes sociais contribuíram para uma piora significativa da qualidade de vida dos mais jovens.

Logo após a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar o coronavírus como uma pandemia, houve a expectativa do desenvolvimento da vacina, chegada ao Brasil e

imunização da população. Esse longo processo se tornou dramático e angustiante ao crescimento do número de infectados e de óbitos em todo o mundo. Diante dessa longa espera, a sensação de angústia e impotência era mesclada com o desejo e esperança em dias melhores.

O grito “a pandemia acabou”, depois de inúmeras tragédias e mortes, indica um desejo individual e coletivo. O fim da doença significa a retomada de sonhos e projetos, o fim do horror e da morte exibidos cotidianamente nos meios de comunicação e mídias sociais, um pensamento que pode se voltar para o futuro e não apenas para o presente. Significa, ainda, a possibilidade de poder abraçar parentes e amigos, estudar, trabalhar, andar, festar, socializar, brincar etc.

A análise intertextual do meme (articulação de imagem, paisagem, personagens e texto) revela uma analogia e relação entre passado e presente, lutas antigas e contemporâneas. Nesse sentido, Ferreira, Villarta-Neder e Coe (2019, p. 131) salientam que “memes são capazes de problematizar questões ligadas à dimensão social e histórica, transformando a leitura em uma atividade constitutiva de sujeitos capazes de estabelecer relações com o mundo e nele atuar como cidadãos”.

Os memes selecionados expressam mundos, conhecimentos, angústias, ansiedades, desejos, expectativas, realidade e horizontes dos alunos. Nas palavras de Juliana Xavier de Araújo (2012, p. 17),

Os memes não são somente reproduzidos, mas sim reelaborados de acordo com a situação e o contexto social vivido pelo sujeito. É um processo criativo de receber e dar sentido a essas formas contextualizando-as, ou seja, cada indivíduo utiliza o sentido do meme e o ressignifica continuamente em cada replicação a fim de compartilhar novos enunciados e adquirir um determinado capital social.

Esse caráter multifacetado dos memes indica seu potencial para o ensino e pesquisa de história por abarcar diversas esferas da vida contemporânea, criar uma relação entre aluno e professor, interação entre diversos sujeitos sociais, população do saber acadêmico, além de confrontar experiências, identidades e comportamentos diversos. O mundo digital se apresenta como um campo de múltiplas aprendizagens, sendo que, nesse caso, os alunos aparecem, também, como sujeitos que podem produzir e compartilhar conteúdos.

Luis Fernando Cerri (2011, p. 123) destaca que a História tem como uma de suas funções fornecer orientação para vida prática dos sujeitos e deve ir além do currículo

prescrito. Assim, de “nada adianta o aluno aprender tudo sobre a guerra mundial enquanto não consegue aprender ou aplicar nada do que aprendeu”. Nesse sentido, as frases elaboradas pelos alunos estiveram dentro de uma proposta de respeito aos direitos humanos, a ética, a diversidade, a pluralidade de ideias, a democracia e a empatia e outros valores que devem ser defendidos pela escola como uma forma de promoção da harmonia, respeito e dignidade social. O saber histórico transmitido de forma lúdica e interativa procurou criar mecanismos de aproximação e compartilhamento de saberes que, de alguma forma, permitisse o desenvolvimento de análises críticas, contextualizadas, humanas e sensíveis à realidade vivida pelos alunos.

A relação passado-presente e presente-passado foi explorada dentro de uma dinâmica na qual a História transformou-se em uma disciplina lúdica e divertida, mas sem perder de vista sua função social e seu estatuto científico. Os gritos na atualidade são muitos e feitos de diferentes formas, lugares, circunstâncias e intensidade. Grita-se pela descolonização dos saberes, pela independência econômica, pela dignidade humana, pelo fim da corrupção, por oportunidades, pelo respeito ao próximo, pela justiça social etc. Por fim, entendemos que investir no protagonismo juvenil ajuda a renovar o modo de aprender e ensinar história nos dias de hoje.

Considerações finais

O uso dos memes foi uma estratégia para mobilizar o maior número de alunos do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães a se interessarem pelas aulas de História. A experiência mostrou que a produção do gênero pelos alunos esteve intimamente relacionada ao momento social, político, cultural e epidemiológico do país. Por intermédio desse gênero, foi possível observar parte do universo vivido pelos estudantes, como experimentam e interpretam a realidade, alguns de seus anseios, desejos, angústias, comportamentos e identidades.

Os memes proporcionaram uma troca de conhecimentos entre alunos e professores dentro de uma dinâmica que contempla diversos tempos, espaços e experiências sociais. O objetivo maior foi abrir o ensino de História para novas possibilidades e linguagens de tal forma que a escola se transforme em um lugar de questionamentos, autonomias e descentralização de saberes, como defendido por Martín-Barbero.

Após debatido e analisado em sala de aula, o meme produzido pelos alunos ganha dimensões e interpretações diversas ao ser compartilhado nas redes sociais e atingir um público ilimitado. Essas novas formas de se criar e divulgar o conhecimento são tendências que se renovam na escola a cada ano a partir da chegada de jovens e adolescentes que carregam não apenas cadernos, livros, lápis, canetas, mas também, celulares e outros dispositivos eletrônicos.

Pensar a educação no século 21 significa pensar em novos métodos, ideias, recursos, ferramentas e projetos capazes de satisfazer as necessidades de um mundo dinâmico, flexível e plural. Os memes, assim como outros conteúdos virtuais, não podem ser vistos como ameaças ou perigos para o processo de ensino e aprendizagem, mas devem ser apropriados pelos professores de maneira criativa, pedagógica e eficiente para tornar as aulas mais atrativas e próxima da realidade social e cultural vivida pelos alunos.

Finalmente, é necessário destacar que diante de um contexto cada vez mais aberto a diversas formas de se aprender e produzir conhecimento, é preciso pautar uma educação voltada para a cidadania e dignidade humana. De nada adianta o aluno aprender tudo sobre guerras mundiais, feudalismo, ditaduras, escravidão, independência etc. se não lhe for ensinada a aplicação de conceitos como direitos humanos, democracia, empatia, cidadania, respeito e resiliência em sua vida cotidiana.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Jovens relatam mudança de rotina e de humor em estudo sobre pandemia**. Rio de Janeiro, 1º dez. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-12/jovens-relatam-mudancas-de-rotina-e-de-humor-em-estudo-sobre-pandemia>. Acesso em: 13 de fev. de 2021.

ARAÚJO, J. X. **Memes: a linguagem da diversão na internet: análise dos aspectos simbólicos e sociais dos RageComics**. 2012. 86 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BITTENCOURT, C. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2015.

BITTENCOURT, C. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: **O Ensino de História e a criação do fato**. PINSKY, J. (org). 14. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 53-93.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CADENA, S. R. G. **Novos objetos para o ensino de história: os memes na sala de aula**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-PE, 12., 2020. Disponível em:

<https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/153487337SilvioCadenaST04XIIA NPUH-PEtextocompleto.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2021.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERRI, L. F. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FERREIRA, H. M.; VILLARTA-NEDER, M. A.; COE, G. S. C. Memes em sala de aula: possibilidades para a leitura das múltiplas semioses. In: **Periferia: Educação, Cultura e Comunicação**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36936>. Acesso em: 14 fev. 2021.

GONÇALVES, C. **Brasil tem mais de 2,5 milhões de professores**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-10/brasil-tem-mais-de-25-milhoes-de-professores>. Acesso em: 24 mar. 2021.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LAVADO, T. Pela primeira vez, mais da metade da zona rural e classes mais baixas têm acesso à internet, diz pesquisa. **G1**, Rio de Janeiro, 26 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/05/26/tres-em-cada-quatro-brasileiros-tem-acesso-a-internet-e-mais-da-metade-das-classes-baixas-esta-conectada-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2021.

LIMA E FONSECA, T. N. O herói nacional para crianças: produção e circulação de imagens de Tiradentes na escola primária brasileira. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 25., 2002. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: <http://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm>. Acesso em: 26 jul. de 2021.

MARTIN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 22 fev. 2021.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PAIVA, E. F. **História & imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. S. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

SALATI, P.; TOOGE, R. Arroz e óleo mais caros: entenda porque a inflação dos alimentos disparou no país. **G1**, Rio de Janeiro, 10 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/09/09/arroz-e-oleo-mais-caros->

entenda-por-que-a-inflacao-dos-alimentos-disparou-no-pais.ghtml. Acesso em: 22 fev. de 2021.

SILVA, M. Meme, educação e interatividade: entrevista concedida a Mariano Pimentel. **Periferia: Educação, Cultura e Comunicação**, Rio de Janeiro, p. 231-239, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/38187/28117>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Submetido em 7 de março de 2022.

Aprovado em 18 de abril de 2022.